Cultura

Revista de História e Teoria das Ideias

Vol. 29 | 2012

**Percursos da Filosofia do Conhecimento no século XX
em Portugal e no Brasil**

Fernando Gil e o problema do conhecimento

Fernando Gil and the Problem of Knowledge

Marta de Mendonça

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/1106>

DOI: 10.4000/cultura.1106

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 1 Junho 2012

Paginação: 143-154

ISSN: 0870-4546

Refêrencia eletrónica

Marta de Mendonça, « Fernando Gil e o problema do conhecimento », *Cultura* [Online], Vol. 29 | 2012, posto online no dia 04 novembro 2013, consultado a 30 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/1106> ; DOI : 10.4000/cultura.1106

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 Abril 2019.

© CHAM — Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

Fernando Gil e o problema do conhecimento

Fernando Gil and the Problem of Knowledge

Marta de Mendonça

1. Introdução

- 1 *A Razão Apaixonada*: assim se intitulou o volume de homenagem que a INCM consagrou a Fernando Gil. O título – ao mesmo tempo certo e paradoxal – pretendia reflectir e evocar o núcleo ou o motivo inspirador da reflexão filosófica de Fernando Gil. Miguel Real, no artigo da *Prelo* que lhe consagrou em 2006, referiu-se também à razão: “Fernando Gil: a razão fragilizada”.
- 2 A razão, sempre a razão, mas esta adjectivada. Não é por acaso: a obra e a investigação de Fernando Gil foram um longo trabalho de aprofundamento do sentido e das operações da razão, uma busca da sua arqueologia – que precisamente no-la revela situada –, na tentativa de submeter a exame a tarefa de compreender. Como se instaura a compreensão? O que lhe confere solidez? O que a distingue do que ela não é? Como se articula a razão com o não-racional no homem? De que depende? Para que remete? Como se estrutura? Como se constrói o seu alfabeto e quais são os seus princípios? Em que plano se situa e como se situa nele?
- 3 Essa investigação, em que é possível vislumbrar uma continuidade alicerçada na inquirição pela inteligibilidade, pelo “sentido do sentido”, admite diversas sínteses. Consoante o aspecto do problema da compreensão que se queira destacar em cada caso – o seu pólo objectivo ou o seu pólo subjectivo, a sua dimensão perene ou o seu carácter situado e histórico, etc. –, assim podem ser postas em relevo teses diversas, complementares, que adquirem uma pertinência particular em virtude do ângulo de análise adoptado. Um desses ângulos de análise, talvez um dos mais abrangentes e radicais, é o adoptado em *Mimésis e Negação*: ele conduziu Fernando Gil a propor, como elemento central de “um sistema que não o é”¹, o que designou como “realismo da

interpretação”, equidistante das posições, a seu ver redutoras, do “idealismo da interpretação” e do “realismo da representação”². É porventura uma das melhores sínteses do trabalho de reflexão sobre o conhecimento levado a cabo por Fernando Gil, síntese que tem, além disso, o mérito de ter sido feita pelo próprio autor, e que não só qualifica a sua própria forma de entender o processo do conhecimento como ao mesmo tempo a situa no mapa da epistemologia contemporânea.

- 4 Não surpreende que haja múltiplas entradas na obra de Fernando Gil: o sujeito, a evidência, a prova, a controvérsia, a crença, a convicção, são simultaneamente temas (por vezes também títulos de livros) e portas de acesso a esse núcleo de problemas internamente vinculados entre si, que remetem para as questões maiores da inteligibilidade e das formas que esta reveste.
- 5 Nas páginas que seguem, destacar-se-ão alguns aspectos relevantes da obra de Fernando Gil: por um lado, os seus *temas* e as relações de dependência que estes guardam com a vida e com a acção, etc.; por outro, o seu *estilo*, os seus interlocutores, o modo como concebeu a actividade filosófica, que é também o modo como a exerceu, e que deixou marcas evidentes na própria escolha dos temas e no modo de os tratar.

2. Os temas

- 6 Que temas e que questões estão no centro da obra de Fernando Gil? A questão admite respostas diversas – mais ou menos gerais – consoante a perspectiva que se adopte ao abordar os seus textos. Uma análise da obra no seu todo permitir-nos-ia identificar como principal problema de fundo – que atravessa todos os textos – a questão, já referida, da *inteligibilidade*. Neste sentido, cada inquirição concreta tem sempre um mesmo denominador comum problemático e a unidade de todo o inquérito é evidente. No seu centro, conferindo-lhe unidade, está a questão do que significa compreender, de como se constitui o sentido.
- 7 Esta inquirição geral tem, no entanto, uma direcção bem definida e adopta um ponto de vista bem preciso. Com efeito, Fernando Gil pretende pensar o problema do conhecimento e da compreensão de uma perspectiva maximamente abrangente e radical: uma perspectiva centrada mais na tentativa de pensar o lugar do sujeito no conhecimento, a relação do conhecimento ao sujeito (a questão da compreensão), do que na questão da adequação, da afinidade entre o conhecimento e o seu referente. Ou, talvez mais rigorosamente, tenta pensar a afinidade, a adequação, a partir do sujeito, como obra sua, já que “a compreensão é apenas esta reconstrução pessoal de um conteúdo de conhecimento”³.
- 8 O novo olhar sobre o conhecimento que esta nova perspectiva exercita e explora é equacionado por Fernando Gil como uma forma de ruptura com a tradição da epistemologia contemporânea, ruptura que o obriga a deslocar o foco da atenção da questão epistemológica – que lhe interessava menos e lhe parecia mais estafada – e a dirigi-lo para a questão epistémica, mais difícil, mais radical, mas também mais promissora.
- 9 Ao mesmo tempo, esta nova perspectiva forja-se e desenvolve-se no horizonte de um confronto com a modernidade científica e filosófica, que pretende pôr em evidência o seu carácter redutor: “Falta à modernidade – escreve Fernando Gil – uma inteligibilidade imanente, interiorizada, da sua experiência do mundo e das relações que os homens entre

si tecem”⁴. Com efeito, em seu entender, a nota distintiva da modernidade “consiste na disjunção tendencial, nunca absoluta mas sempre agravada, da *verdade* e do *sentido*”⁵. Essa disjunção assume a forma de tensão, quando não de oposição, “entre a eficácia dos formalismos produtores de conhecimento, que são o traço distintivo da modernidade, e a intimidade das pertencas naturais: a uma língua, a uma comunidade, a uma experiência transmitida”⁶. Ora, o aspecto mais relevante deste divórcio é “a emergência do sujeito enquanto tal – um sujeito desligado das redes de conexões experimentadas como naturais”⁷, um sujeito desvinculado, que se põe a descoberto precisamente quando a experiência sensível ou linguística se revela aberrante face a uma linguagem científica formal. Esta disjunção cristaliza, por sua vez, na oposição entre uma “filosofia do sentido” e uma “ciência da verdade” – ou, noutros termos, na oposição entre um “idealismo da compreensão” e um “realismo da representação”, ou ainda na oposição entre “hermenêutica” e “epistemologia”⁸.

- 10 Fernando Gil reconhece que esta tensão não se anulou e que o projecto da modernidade ainda não se concluiu – é até de certa maneira imparável –, mas considera que há uma via média entre estes dois caminhos divergentes já ensaiados: precisamente a que leva à averiguação filosófica da inteligibilidade, entendida como “um inquérito que, na forma de uma antropologia da compreensão, reintroduz o sujeito na epistemologia”⁹. Daí que, mais do que pensar a relação do conhecimento ao objecto – como fez a maioria dos filósofos modernos –, Fernando Gil se debruce sobre o elemento reflexivo do conhecimento, perguntando-se pelo que permite pensar a verdade como *index sui et veri*¹⁰. Perguntar por essa relação é perguntar pelo que constitui o “sentimento de inteligibilidade”, que põe em evidência uma “intencionalidade arcaica, pré-reflexiva”¹¹, na qual o sujeito está instalado e a razão radicada.
- 11 Esta inquirição acerca da dimensão “epistémica” da experiência da inteligibilidade é por ele conduzida em diversas direcções: da questão da prova e da justificação (que esteve no centro do programa de Filosofia do Conhecimento que elaborou para as provas de agregação) até à questão da evidência, que o ocupou de forma mais sistemática nos últimos anos; passando por temas como a controvérsia e as razões da sua recorrência no discurso científico e filosófico ou pela reflexão sobre a experiência da crença, são muito diversos os acessos a esse núcleo duro do que significa compreender ou como se elabora a experiência de saber.
- 12 Entre esses acessos merece um lugar de destaque o que o levou a tentar descrever e reconstituir a experiência originária do assentimento, disso que descreve como “sentimento de inteligibilidade”; refazer esse percurso obrigava, em seu entender, a considerar a experiência da compreensão como uma experiência situada e a ir em busca dos elementos pré-linguísticos, pré-conceptuais, pré-reflexivos em que ela se inscreve. Por isso, precisamente, são certos os títulos com que se pretendeu homenageá-lo e que começámos por referir: “a razão apaixonada”, “a razão fragilizada”, etc. Longe da apresentação asséptica dos formalismos próprios da razão desvinculada, a experiência da compreensão – quando se reconduz aos seus elementos originários – põe diante de nós, não uma razão descomprometida, mas uma razão apaixonada, comprometida com uma decisão, com uma escolha. À experiência da objectividade científica subjaz uma intencionalidade arcaica, pré-conceptual, vital ou biológica, de que não é possível prescindir e que não é possível erradicar, mas em que é possível em todo o caso tentar penetrar.

- 13 De outra perspectiva, seria possível seguir a obra de Fernando Gil procurando identificar um conjunto de convicções de fundo, de teses adoptadas, exploradas sistematicamente e ilustradas de ângulos diversos. Não cabe aqui elencar a totalidade ou sequer a maioria dessas teses centrais. Vale, no entanto, a pena destacar algumas delas.
- 14 Uma ideia dominante, que percorre toda a obra, e que, por sua vez, esta procura ilustrar, é que o conhecimento é intrinsecamente plural. Segundo Fernando Gil, qualquer tentativa de reconduzir a experiência da compreensão a um único “método científico”, que haveria primeiro que identificar e depois exportar de uns saberes mais maduros para outros ainda não plenamente constituídos, é uma experiência estéril e votada ao fracasso: fracasso e esterilidade em que desembocaram alguns dos erros da modernidade filosófica. A esta luz, ganha relevo a reflexão teórica sobre o processo de constituição da ciência moderna que desenvolve em *Mimésis e Negação*. Aí se explica por que razão os saberes são – e serão sempre – plurais, irredutivelmente plurais e históricos: situados no tempo e inacabados¹².
- 15 Esta convicção, progressivamente teorizada ao longo dos anos, de pontos de vista diversos, está presente já nos primeiros textos que Fernando Gil consagra ao tema da inteligibilidade: aqueles em que aborda a questão da natureza e do sentido da controvérsia. Longe de ser um sinal de inabilidade e uma marca do nosso não-saber, a controvérsia marca o caminho por onde avança e se forja o saber humano: a controvérsia é o modo humano de pensar e não algo que é possível resolver e abandonar. O conhecimento humano configura-se por meio da controvérsia e esta é ineliminável¹³.
- 16 Deste facto decorre, entre outras coisas, a tensão entre a aspiração à sistematicidade e a impossibilidade de totalidade, típica do conhecimento humano: ao mesmo tempo que busca a sistematicidade, o pensamento retira do horizonte da experiência humana a possibilidade da totalidade, do sistema. A sistematicidade é assintótica, ou, se preferirmos, o único acesso possível a algo que se pareça com um sistema é negativo. No limite, a única aproximação autêntica a algo como um sistema do conhecimento seria a própria inquirição pela inteligibilidade, que aparece descrita em *Mimésis e Negação* como uma proto-epistemologia: aí se apresentam de forma tão sistemática quanto possível as razões pelas quais o conhecimento humano não constitui nem pode constituir um sistema. E essas razões não são razões circunstanciais: pelo contrário, decorrem da arqueologia mais originária da razão humana. Isto mesmo é o que parece querer dizer a indicação, já referida, de que a reflexão sobre o conhecimento se limita a apresentar “elementos de um sistema que não o é”¹⁴: elementos de um sistema que diz por que razão não pode haver sistema do conhecimento.
- 17 Esta mesma tese apresenta-se de novo, agora com o estatuto de “opção pedagógica”, em 1986: há que acolher a distinção entre “um pensamento da totalidade – que se recusa – e a intenção de sistematicidade. Embora esta pareça inerente à actividade filosófica, não pressupõe a totalidade” – lê-se em *Provas*¹⁵.
- 18 Assim se compreende também por que razão os temas abordados reaparecem sempre e nunca se encontram definitivamente resolvidos. Com efeito, por um lado, temas como a prova, a controvérsia, a evidência e os seus modos, as marcas, os indicadores, os operadores, etc. da inteligibilidade, poderiam considerar-se como etapas de um processo de progressiva radicalização da questão da inteligibilidade; mas, por outro lado, a recorrência dos mesmos temas revela que estas questões – mais do que etapas de progressiva radicalização de uma questão nuclear – são perspectivas irredutíveis e permanentes de olhar para a questão da inteligibilidade, nenhuma das quais é

definitivamente superada, porque a natureza situada do conhecimento não permite resolvê-las definitivamente.

- 19 Há que reconhecer, no entanto, que as diversas questões evocadas – sendo temas recorrentes – não têm a mesma radicalidade. É ao abordar a questão da evidência que nos encontramos em face da formulação menos mediatizada da questão da inteligibilidade: nela o posto como evidente, o apresentado, capta-se simultânea e imediatamente como existente e como verdadeiro. A consideração deste tema permite a maior aproximação possível ao chamado “sentimento de inteligibilidade”, sentimento que agora se pretende focar directamente: a experiência da evidência é sempre uma ilustração do sentimento de inteligibilidade, uma experiência imediata da compreensão, ou, se preferirmos, a experiência de uma inteligibilidade não discursiva. Paradoxalmente, no entanto, esta operação de focagem obriga a “ganhar distância”, a assistir ao processo de constituição do sentido, pela via de decompor a evidência e de a reconduzir aos seus conceitos fundamentais¹⁶.
- 20 A este respeito, a tese central de Fernando Gil, que só é possível enunciar aqui, expressa-se na convicção de que a operação da evidência é “alucinatória”: nesta expressão se condensa a sua ideia de que a compreensão é uma construção, uma fundação da verdade, que não se oculta no fundamento¹⁷. E, no entanto, como indicámos, a construção da inteligibilidade em causa na evidência não no-la apresenta como uma inteligibilidade discursiva. A evidência opera por um processo de alucinação, “não no sentido de um percepto do irreal em vez da percepção do existente: antes significa a transposição da percepção para outra coisa que não ela mesma. É uma operação alucinatória que, com a força irrecusável do real, converte em verdade a percepção e a significação”¹⁸. Nesse sentido, o processo de constituição da evidência leva a cabo a intensificação do dado sensível, numa dupla direcção: converte-se em conceito (atenção, ostensão, intuição, imposição da verdade) que ao mesmo tempo se ultrapassa na direcção da existência¹⁹.

3. O estilo

- 21 Referiram-se alguns temas mais constantes da obra filosófica de Fernando Gil. Procurámos mostrar que esses temas – grandes questões a que a filosofia voltou sempre – são abordados de uma perspectiva própria, bem precisa, sempre reeditada, de que se vão apresentando variações. Deste ponto de vista, a unidade da obra é inquestionável.
- 22 A abordagem destes temas é, por outro lado, inseparável do estilo adoptado, também ele bem esculpido e facilmente reconhecível. Esse estilo, por razões diversas que se prendem com a dificuldade dos temas que aborda, mas não apenas com esse facto, não é um estilo fácil.
- 23 Para isso contribuí, em primeiro lugar a diversa natureza dos textos em que o seu pensamento se fixa. Como é bem sabido, os últimos volumes publicados (mas não apenas os últimos) são colectâneas de artigos de diversa origem: nuns casos, textos elaborados para algum colóquio, para um prefácio ou conferência; noutros casos, estudos preparados com base nos materiais dos seminários que dirigiu na École des Hautes Études en Sciences Sociales ou na Universidade Nova de Lisboa; noutros ainda, textos com alguma outra origem, que desconhecemos. Este facto não constitui uma circunstância puramente exterior. Poder-se-ia dizer que a obra de Fernando Gil é constituída por uns quantos tratados, que são acompanhados, por assim dizer, por colectâneas de artigos, que se

poderiam entender como variações sobre o núcleo duro dessas obras mais sistemáticas. Para quem seguiu de perto esse percurso durante um longo período, o fenómeno não tem nada de extraordinário e é até familiar. Fernando Gil foi centrando a sua atenção em aspectos diversos do problema da inteligibilidade e cada um desses aspectos ocupou-o de forma abrangente durante um tempo: a sua reflexão focava esse ponto de tal modo que as diversas questões trabalhadas eram variantes do mesmo problema, que permitiam formulá-lo de diversos modos, captar a sua complexidade, testar a operatividade da leitura feita ou da solução proposta, dialogar com outros pontos de vista – com outros saberes –, etc. Mas esta característica não deixa de ser relevante. Consoante o texto que se tenha na mão – uma obra como *Tratado da Evidência*, como *Mimésis e Negação* ou como *Provas*, por exemplo, ou, em seu lugar, um texto como *Mediações*²⁰ ou *Acentos*²¹ –, a impressão que a obra suscita é significativamente diversa: caleidoscópica no segundo caso, muito mais sistemática no primeiro caso.

- 24 Outro traço distintivo do estilo de produção filosófica de Fernando Gil diz respeito ao tipo de diálogo que manteve com outros pensadores. Ao longo das suas diversas obras, Fernando Gil entra em diálogo com múltiplos autores e com autores muito diversos.
- 25 A comprovação deste facto presta-se a diversos equívocos. Nuns casos, poder-se-ia ter a impressão de que as obras nas quais esse diálogo se leva a cabo são estudos clássicos de história da filosofia, nos quais se pretende identificar a tese de um autor e expor as razões que a sustentam; noutros casos, a impressão dominante poderia ser antes a de sincretismo: nestes casos, seria dominante o facto de que são convocadas teses e categorias estritamente científicas, ou pelo menos não filosóficas, e que se ensaia o diálogo da filosofia com os saberes em que tais teses ou categorias se inscrevem.
- 26 Mas, na verdade, nenhuma destas impressões iniciais corresponde à realidade: não há nem mera história da filosofia nem puro sincretismo. As categorias à luz das quais Fernando Gil pensa a natureza destas relações da filosofia com a sua própria história e com o que ela não é são expostas em *Provas* (e retomadas em muitos outros textos) e constituem precisamente as duas “intenções” ou “preconceitos” que animam todo o programa de Filosofia do Conhecimento aí desenvolvido: por um lado, o *anti-historicismo* próprio da filosofia e, por outro, o reconhecimento da *historicidade dos problemas* e do primado das práticas científicas²². Esta oposição radical achava-se já exposta noutros termos em *Mimésis e Negação*, quando Fernando Gil apresenta a intenção dessa obra como uma forma de pôr em confronto o *projecto* da ciência e a *condição* da metafísica²³.
- 27 Entre os filósofos, ocupam um lugar de destaque pensadores como Aristóteles e Leibniz, com quem o diálogo é recorrente e por quem o filósofo se sente constantemente interpelado. Mas a lista dos filósofos é muito ampla e diversificada: aí se encontram Fichte, Spinoza, Hobbes, Descartes, Freud, Wittgenstein, S.^{to} Anselmo e um longo etc. Mas, se este diálogo não é estritamente hermenêutico, qual é então o seu sentido? É evidente que também não se trata de um mero pretexto erudito, que enquadre uma reflexão absolutamente independente. Trata-se, pelo contrário, de um aspecto central do estilo de inquirição filosófica que desenvolveu e que, aliás, não passou inadvertido ao próprio Fernando Gil, que a ele se referiu em diversas ocasiões. Em *Provas*, por exemplo, esclarece que o diálogo com a filosofia se inscreve no horizonte de “um certo anti-historicismo (...) que se manifesta na perfeita pertinência (e conseqüente ‘actualidade’, como se diz) que se atribui à reflexão de Aristóteles, de Leibniz, de Hume ou de Kant, permanentemente no horizonte destas lições”²⁴. Trata-se de uma convicção ou de um “preconceito”²⁵ que não opera apenas em *Provas*, mas atravessa toda a obra. Em *Mimésis e Negação*, já se tinha

referido mais desenvolvidamente a esta questão, descrevendo a traços largos o tipo de diálogo que, em seu entender, a filosofia mantém com o seu passado: “Ao contrário do pensamento científico, amnésico e voltado para a frente (só aí conta o estado actual das questões), a metafísica, onde não há soluções propriamente ditas, não é cumulativa. Embora bem fundados, os problemas metafísicos são ‘mal postos’. Decorre daí uma dificuldade de princípio no seu tratamento, que procura remediar socorrendo-se do pensamento do passado. Isto é, voltar atrás não significa agora deformar o presente, mas utilizar e, eventualmente falsear, o passado em nome do presente. O recurso, incorrigivelmente infiel, às concepções e doutrinas anteriores, é o meio de que se dispõe para domesticar os problemas, quer no que se refere à sua solução (...), quer no que se refere à sua posição”²⁶. O diálogo com o passado é, portanto, para a filosofia uma inevitabilidade e um autêntico ponto de partida: um ponto de partida no qual a tradição serve, não para reeditar o passado, mas para o recriar – ou, o que é o mesmo, para o falsear – ao serviço ou em nome do presente. Pensa-se num horizonte cultural, linguístico, filosófico, etc. e não a partir de zero.

- 28 Mas o diálogo filosófico não tem, ou não deve ter, como únicos interlocutores os filósofos. Mais: a filosofia ganha em dialogar com o que ela não é. Em *Provas* – obra a que vale a pena voltar, por se tratar de um texto no qual Fernando Gil reflecte metafilosoficamente, por assim dizer, sobre a própria filosofia e o seu ensino –, indica que um segundo preconceito se acrescenta ao referido anteriormente: “A associação, pelo interior, de ciência e filosofia (e, ainda, da retórica e até do direito, pelo menos como fonte de inspiração)”²⁷. O que aqui se expressa é uma convicção permanente: em 1999, no texto que acompanha o relatório que elaborou para o Observatório das Ciências e das Tecnologias e em que caracteriza o perfil da investigação científica em Portugal no âmbito da Filosofia, escreve: “Permito-me, para terminar, também um ponto de vista, julgo que um passo importante nos falta dar, no sentido de um maior ‘atrito’ com as ciências humanas e não humanas, as artes e a literatura, o direito, a medicina, os vários domínios tecnológicos. Não será, creio, apenas uma convicção pessoal pensar que para melhor chegar a si mesma convém à filosofia excentrar-se, expatriar-se da sua história e renovar em permanência os seus problemas e a inteligibilidade que é a sua pelo contacto, o mais possível ‘por dentro’, com a experiência, tal como ela é pensada fora da filosofia. A inteligibilidade da filosofia é metafísica (e os não filósofos terão de o reconhecer, se quiserem dialogar com a filosofia), mas as metafísicas que vivem de si mesmas são epigonais – quer refazendo quer julgando desfazer”²⁸.
- 29 O diálogo com os saberes não-filosóficos não é, portanto, uma mera questão de moda, algo assim como uma forma de devolver visibilidade a um tipo de pensar que perdeu espaço no marco cultural dominante; pelo contrário, este diálogo faz parte da própria identidade da filosofia e ajuda a perfilá-la:
- uma filosofia do conhecimento que ponha de quarentena (...) os conteúdos e as práticas das ciências (...) revelar-se-ia uma empresa pelo menos inútil (...). Como as próprias ciências, a filosofia do conhecimento requer uma “base empírica”, a saber, as próprias ciências. O anti-historicismo filosófico será deste modo compensado pelo reconhecimento da historicidade dos problemas e do primado das práticas científicas.²⁹
- 30 Mas, se isto é assim, o diálogo não tem em vista a adopção, por parte da filosofia, dos métodos ou das categorias das ciências com que entra em contacto; entre outras razões porque “a ciência não pensará quanto baste se recusar a filosofia”³⁰.

- 31 Um último apontamento, para salientar ainda outro aspecto determinante do estilo da produção científica e da intervenção filosófica de Fernando Gil, que salta à vista desde o primeiro momento, e que é inseparável do que acabámos de apontar: a sua abertura e a rejeição dos sistemas fechados. Em seu entender, a filosofia não se compadece com filiações, antes está aberta em todas as direcções. Isso mesmo afirmava programaticamente no texto de apresentação que escreveu para o primeiro volume da *Análise*:

Há muitas moradas na casa de Deus, mas a análise é o único método em filosofia. Por isso, tantas revistas têm este nome, sinal de um compromisso a que pretendemos também vincular-nos.

Será o único. *Análise* não privilegiará moradas dentro do conhecimento. Está aberta (...) à reflexão metafísica, à filosofia das artes e das ciências, do direito e das ciências humanas e quereria ser ocasião de confluências e lugar de acolhimento para o risco de pensar por conta própria. (...) Sabemos que o eterno retorno dos grandes problemas pode ocultar a deslocação e deriva, assim como motivos de reflexão menos caucionados, menos facilmente localizáveis, mais discretos.

4. Conclusão

- 32 Apontaram-se muito brevemente alguns aspectos mais destacados da obra de Fernando Gil: temas dominantes do seu pensamento filosófico e traços distintivos do seu estilo e do tipo de diálogo que encetou com a tradição filosófica e com o pensamento não filosófico. Mas uma coisa parece certa: é ainda difícil avaliar o alcance, a originalidade e o sentido desta obra. É inquestionável que Fernando Gil foi um pensador profundamente original, exigente, muitas vezes difícil, que procurou levar tão longe quanto possível a análise filosófica a que consagrou a sua vida de filósofo; mas é também verdade que se trata de uma obra nalgum sentido interrompida ou inacabada. Fernando Gil estava em plena fase de actividade e de produção filosófica quando foi surpreendido pela doença. Havia projectos em curso, planos de trabalho a desenvolver, aspectos a refundar ou a aprofundar, aqui e além o reconhecimento explícito da sua própria insatisfação com os resultados já alcançados. Trata-se certamente de um aspecto circunstancial, mas não é apenas isso: é também algo que marca a partir de dentro o trabalho desenvolvido. A própria natureza “arqueológica” da sua inquirição, a pergunta pelo “sentido do sentido”, levava em si esta marca de inacabamento ou de incompletude, que requer análises cada vez mais abrangentes e mais radicais, e que não tem um último “terreno firme” definitivo e inamovível. Daí a tensão entre a intenção de sistematicidade e a rejeição do sistema, para que apontava essa busca de elementos “de um sistema que não o é”, a que já se fez referência.
- 33 É ainda cedo para fazer um balanço da obra de Fernando Gil: tanto da obra escrita como do alcance da sua intervenção na filosofia portuguesa, pelo impacto que teve em dinamizar núcleos de reflexão e pelo modo como interveio na formação de várias gerações de estudantes e docentes de filosofia em Portugal e em Paris, onde ensinou durante tantos anos, e que se alargou a muitos outros âmbitos, pelo empenho que pôs nessa relação de maior “atrito” da filosofia com os outros saberes. Fernando Gil ilustra, pelo modo da sua presença pública, a convicção que deixou expressa no texto, já referido, do relatório que elaborou para o Observatório das Ciências e das Tecnologias: a necessidade de desenvolver um pensamento filosófico autêntico em diálogo com os saberes não filosóficos, que evitasse a todo o custo mimetizar-se com eles.

- 34 A título de exemplo desta dificuldade em avaliar o sentido e o alcance do seu pensamento, poderíamos voltar à crítica da modernidade. Por um lado, como indicámos, a denúncia das limitações da razão moderna e a tentativa de as contornar é um dos aspectos mais relevantes da novidade e da pertinência do seu trabalho na área da filosofia globalmente considerada; mas, por outro lado, seria possível sustentar que, à sua maneira, Fernando Gil é também um moderno, um moderno diferente: na linha da melhor tradição moderna, Fernando Gil defende que o conhecimento e o sentido são construções do sujeito e que a operação de pensar, o acto de pensar, que quis sobre tudo aprofundar, é uma produção do espírito e para o espírito. Também por isso, talvez a mais abrangente síntese do seu pensamento e do seu projecto filosófico seja a que referimos no início: aquela que o levou a afirmar que procurava um “realismo da interpretação”, que superasse as limitações tanto do “realismo da representação” como do “idealismo da interpretação”.

NOTAS

1. Cf. *Mimésis e Negação*, Lisboa, INCM, 1984, p. 9.
2. Cf. *Mimésis e Negação*, p. 506.
3. *La Conviction*, Paris, Flammarion, 2000. Trad. portuguesa: *A Convicção*, Porto, Campo das Letras, 2003, pp. 234-235.
4. “A inteligibilidade como problema”, in GIL, Fernando (org.), *Balanço do Século*, Lisboa, INCM, 1990, p. 13.
5. “A inteligibilidade...”, p. 11.
6. “A inteligibilidade...”, pp. 11-12.
7. “A inteligibilidade...”, p. 13.
8. Cf. “A inteligibilidade...”, p. 19.
9. “A inteligibilidade...”, pp. 18-19.
10. Cf., entre outros, “A operação da evidência”, *Análise*, 17, 1993, p. 9.
11. “A inteligibilidade...”, p. 20.
12. Cf. *Mimésis e Negação*, principalmente cap. II, n.os 3 e 4.
13. Cf. *Provas*, p. 160.
14. Cf. nota 1.
15. *Provas*, p. 15.
16. Cf. *Traité de l’evidence*, Grenoble, Millon, 1993. Trad. portuguesa: *Tratado da Evidência*, Lisboa, INCM, 1996, caps. IV a VII.
17. Cf. *Tratado da Evidência*, p. 217.
18. *Tratado da Evidência*, p. 217.
19. Cf. *Tratado da Evidência*, p. 217.
20. *Mediações*, Lisboa, INCM, 2001.
21. *Acentos*, Lisboa, INCM, 2005.
22. Cf. p. 14.
23. Cf. p. 16.
24. *Acentos*, p. 14.
25. Cf. *Provas*, p. 14.
26. *Mimésis e Negação*, p. 26.

27. *Mimésis e Negação*, p. 14.

28. In OBSERVATÓRIO DAS CIÊNCIAS E DAS TECNOLOGIAS, *Perfil da Investigação Científica em Portugal – Filosofia*, Lisboa, Ministério da Ciência e da Tecnologia, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Observatório das Ciências e das Tecnologias, 1999, p. 8.

29. *Provas*, p. 14.

30. *Provas*, p. 14.

RESUMOS

O texto identifica alguns traços dominantes da produção filosófica de Fernando Gil. Apresenta a questão da inteligibilidade como a temática que confere unidade a toda a obra, desdobrada depois em múltiplos temas de reflexão, todos eles centrados na busca de uma “arqueologia da razão”. Em resultado deste inquérito, pensado como o trajecto que conduz à identificação de uma “proto-epistemologia”, a obra de Fernando Gil situa-se no mapa da epistemologia contemporânea como uma tentativa de superar os dualismos redutores da modernidade, através da apresentação do que designou como “realismo da interpretação”. Destaca, por último, alguns aspectos marcantes do seu estilo, na medida em que têm consequências tanto na forma de conceber o exercício da actividade filosófica quanto nos seus resultados.

My paper aims at identifying some core points in the philosophical work of Fernando Gil. I claim that the notion of intelligibility is the unifying topic of all of his work, subsequently developed in many other topics, all of them focused on the search for an “archaeology of reason”. As a result of this inquiry, conceived as a means to the identification of a “proto-epistemology”, I submit that the work of Fernando Gil’s is to be located in the map of contemporary epistemology as an attempt to surmount the reductive dualisms of Modernity through the exploration of what he called a “realism of interpretation”. Finally, I point out a few aspects characteristic of his style, in so far as they bear weight on how he conceives both the philosophical activity and its results.

ÍNDICE

Keywords: Fernando Gil, contemporary epistemology, intelligibility

Palavras-chave: Fernando Gil, epistemologia contemporânea, inteligibilidade

AUTOR

MARTA DE MENDONÇA

Centro de História da Cultura/Departamento de Filosofia – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Professora Auxiliar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Doutora em Filosofia por esta universidade (*A Doutrina das Modalidades na Filosofia de G. W. Leibniz*), tem publicado nos domínios da Filosofia Moderna, História e Filosofia da Ciência, Filosofia da Natureza e Bioética. Dirige actualmente a linha de investigação intitulada “Compreensão,

Explicação e Linguagem” no Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa. Coordena ou participa em diversos projectos científicos nacionais e internacionais no âmbito da Filosofia Moderna. Estudou em Espanha (Navarra), França (Paris 1, Paris 4 e EHESS) e Reino Unido (Oxford). É membro de diversas instituições científicas internacionais. Foi membro do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida entre 2003 e 2009.

Assistant professor in the Faculty of Social and Human Sciences at Lisbon New University. She gained a doctorate in Philosophy at Lisbon New University (*The Doctrine of Modalities in G. W. Leibniz' philosophy*), and has had publications in the Modern Philosophy, History and Philosophy of Science, Philosophy of Nature and Bioethics areas. She is currently in charge of the research project entitled “Understanding, Explaining and Language” at the History of Culture Centre at Lisbon New University. She coordinates or takes part in various national and international scientific projects in the Modern Philosophy area. She has studied in Spain (Navarra), France (Paris 1, Paris 4 and EHESS) and the UK (Oxford). She is a member of various international scientific institutions. She was a member of the National Council for Ethics in Life Sciences between 2003 and 2009.